

UMA VIAGEM À SERRA LEOA: PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE INGLÊS DA 1401

O presente trabalho se desenvolve a partir do projeto intitulado "Passados Presentes entre o Brasil e a África Anglófona e Lusófona", o qual intenta refletir e interrelacionar o Brasil com os países africanos que têm o inglês e o português como línguas "oficiais". A fim de transcender as atividades pontuais que pouco (ou nada) contribuem para uma educação antirracista, mas apontam a diversidade como um exótico marginalizado, idealizei um projeto a ser desdobrado ao longo do ano letivo de 2025, nas aulas de inglês, disciplina que leciono na unidade escola onde estou lotado. Parto do pressuposto de que “[os] envolvidos com educação linguística têm duas escolhas: ou colaboram com a sua própria marginalização ao se entenderem como ‘professores de línguas’ sem nenhuma conexão com questões políticas e sociais ou percebem que, tendo em vista o fato de trabalharem com linguagem, estão centralmente envolvidos com a vida política e social” (GEE, 1994, p. 190 apud MOITA LOPES, 2003, p. 33). Ao pensarmos nas Áfricas que falam inglês e português, foi preciso considerar que, assim como no Brasil, há várias formas de nos expressarmos em língua portuguesa e que esse fenômeno também acontece em língua inglesa, pois, as línguas não têm pátria e nem estão delimitadas a uma região geográfica (Cf. Rajagopalan, 2011). Finalmente, embora tenhamos um currículo carioca para a ensinagem de inglês nos anos iniciais do ensino fundamental e que essa diretriz procura pensar e representar o local, inquietou-me não haver um diálogo explícito com o continente africano ou com o passado violento de escravização. Esse projeto procura, portanto, encontrar caminhos para viajar ao continente africano para des-conhecê-lo dentro de uma história que está (ou deveria estar) presente em nossa memória ou em nossas práticas (cotidianas).

Destaco, no entanto, que este trabalho não teria tido o mesmo êxito se não fosse pelo incentivo de formação continuada e apoio financeiro recebido pela Capes, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Interdisciplinar de Línguas Adicionais/ Inglês, orientado pela Prof. Dra. Danielle de Almeida Menezes (UFRJ), e reforçado pelos licenciandos bolsistas da UFRJ que supervisiono em minha escola, os quais cito nominalmente: Carolina Bezerra Imbiriba, Leonardo Santos Assimos Souza e Roger de Sá Lima Gomes. A partir do delinear pedagógico do Rioeduca de Inglês para o 4º ano, propusemos às crianças pensar o continente africano e instigar a curiosidade delas em relação à aquisição e/ou aprendizagem de línguas (materna e adicional): *Como você acha que as pessoas vivem na África? O que vocês sabem sobre esse lugar? O que é a África: um continente, uma ilha, um estado, uma cidade ou um país? A África fica perto ou longe do Brasil? Será que as crianças de lá estudam e aprendem as mesmas línguas que a gente aqui no Brasil, ou mais precisamente no Rio de Janeiro?* Almejávamos checar a hipótese de que as crianças haviam assimilado (ou não) o

discurso de precariedade ou de que o continente se reduziria a grandes savanas ou espaços inóspitos. Traçada e realizada a diagnose, elaboramos uma aula de introdução a uma (possível) outra África onde, inclusive, o português e o inglês eram usados para viabilizar a comunicação e interação com o outro.

O trabalho se estreitaria quando as crianças tivessem que escolher um país africano anglófono para pesquisar e aprofundar-se, dando início a um movimento de busca por pluralidades e singularidades, visto que a África não é um todo, mas o lugar de vários povos, etnias, culturas e histórias. Oferecemos fotos e informações projetadas da Nigéria, Libéria, Serra Leoa, Gana, África do Sul, Quênia, Uganda e Zimbábue. As crianças, no devido momento, escolheram a Serra Leoa como país a ser estudado e, após isso, fizemos o material didático para as aulas seguintes. Produzimos um material multimídia e impresso abordando aspectos geográficos, culturais, históricos e linguísticos sobre o país eleito. As aulas não se reduziram à exposição de conteúdos ou de estereótipos; elaboramos, portanto, para o primeiro encontro um *quiz* para que as crianças pudessem jogar, brincar, conhecer e confrontar seus saberes iniciais sobre a África. Elas puderam visualizar a África no mapa-múndi e não apenas ouvir a respeito dela. Ela puderam, também, situar os países que nos interessavam e construir uma noção de espacialidade e distância entre eles e o Brasil. Propusemos às crianças pensar por que o inglês se fez e faz presente na Serra Leoa e, para isso, apresentamos a história de formação do país com imagens autênticas, como pinturas e gravuras, sobre a Diáspora Africana e a Colonização das Américas, estabelecendo uma conexão com o passado do Brasil. Pudemos mostrar e nos aventurar a pensar sobre as variedades do inglês, sugerindo não haver uma forma única de se expressar nessa língua adicional. Chamou a atenção das crianças os uniformes escolares e como as escolas privadas e públicas apareciam nas fotos. Estabelecemos com diálogo reflexivo sobre as diferenças, que, tal como propusemos, não tinham que ser vistas como inferiores e degradantes, mas como diferentes e singulares. Apontamos que, semelhantemente ao que acontece em nossa grande Cidade Maravilhosa, há em *Freetown* belezas e desafios coexistindo no mesmo lugar.

Os uniformes escolares foram um bom ponto de conexão e des-re-conhecimento. Propusemos uma reflexão sobre a dinâmica que há em nossa escola (e rede de ensino) que distribui os materiais e os uniformes no início do ano letivo e sobre a necessidade de conservarmos e valorizarmos o que temos, uma vez que isso não é doado, mas fruto de um investimento com dinheiro público visando assegurar a permanência dos estudantes cariocas na escola. Como a turma estava aprendendo o gênero carta pessoal naquele momento, foi proposto à turma 1401 que escrevesse uma carta aos colegas da 1402 relatando o que estavam lendo e produzindo sobre a realidade serra-leonesa. Todas as cartinhas abordaram com respeito e apreciação a questão dos uniformes, destacando, em inglês, cada uma das peças que compunham esse

vestuário, além de expressar a curiosidade de querer saber o que os colegas estavam aprendendo em suas aulas de língua adicional.

As aulas foram, sempre que possível, mediadas em inglês, para que as crianças pudessem ter exposição à língua alvo e tirar melhor proveito disso; chamou-me a atenção, ao falarmos sobre comidas típicas, o *akara*, que se conecta diretamente com o Brasil, através do nosso acarajé e a própria história de colonização e miscigenação - ou seja, no meio do caminho de nossa viagem, até nós professores fomos surpreendidos e pudemos enriquecer nosso repertório cultural. Sobre as produções, havíamos selecionado o gênero receita culinária, porém isso se perdeu no caminho, e não fomos muito além da leitura, checagem e ampliação do vocabulário.

Optamos, por fim, pelo gênero pôster turístico, no qual as crianças, em quatro grupos, iriam apresentar a Serra Leoa para as outras turmas da escola. Além das atividades de leitura e análise do gênero, as crianças tiveram que planejar o texto, refletir sobre a escolha das imagens, acessar e compartilhar o repertório lexical em construção e assentamento e pensar em seus interlocutores: que escolhas seriam relevantes para cativar a atenção dos colegas de outras turmas? Uma vez que os pôsteres estivessem prontos, as crianças, em seus respectivos grupos, ensaiaram e praticaram o que fariam, em inglês, em suas apresentações. Apesar da ansiedade e insegurança durante o treinamento oral, estar diante dos colegas compartilhando os saberes que foram transformados em conhecimento foi uma experiência muito valiosa para eles e para os professores envolvidos. Cativou-me em particular como as duas turmas da Educação Infantil se engajaram e quiseram dedilhar os pôsteres.

Finalmente, embora estejamos contentes com a recepção e participação das crianças que foram incitadas a entrarem em cena como sujeitos partícipes, apropriando-se da língua inglesa, translinguando ou não, lendo e produzindo, sentimos que há muito a ser feito e um caminho longo a percorrer. É preciso que nos aprofundemos com aporte teóricos mais afrocentrados e que invistamos num ensino de inglês que ofereça mais *input*, ou seja, maior exposição à língua alvo. Do mesmo modo, é preciso que, ao trabalharmos com crianças, ofereçamos mais atividades práticas, de modo que a língua seja uma experiência linguística mais produtiva e participativa.

REFERÊNCIAS

MOITA LOPES, L. P. A nova ordem mundial, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de inglês no Brasil: A base intelectual para uma ação política. In: BARBARA, L.; GUERRA RAMOS, R. C. (Orgs.). Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 29 - 57.

RAJAGOPALAN, K. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. In: LIMA, D. C. Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 55 - 65.